

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES
RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS I – TRABALHO E EMPREGABILIDADE

SUICÍDIO ENTRE POLICIAIS MILITARES
O trabalho como gerador do sofrimento psíquico

David Allec Luz – 11318721
Heloisa de Oliveira Batista – 10892530
Henrique Roger Bombardi – 11369792
Jorge Fernandes Cornegruta – 11270865
Kleber Araújo San Galo Curvelo – 11207922
Leonardo Forgerini Rocha – 11269797
Lucas Tatsuo Nishida – 11208270
Marco Antonio Oliveira – 11269543
Mirela Mei – 11208392
Pedro Henrique Pimentel Moraes – 10688236
Pedro Lucca Denardi Passarelli – 11269585
Tainá Minuchelli Teixeira – 11295226

SUICÍDIO ENTRE POLICIAIS MILITARES
O trabalho como gerador do sofrimento psíquico

Trabalho apresentado à USP – Universidade de São Paulo,
para a disciplina ACH0041 – Resolução de Problemas I.

Prof. Dra. Patrícia Junqueira Grandino.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	4
2	PROBLEMATIZAÇÃO	5
3	PROBLEMA	5
4	OBJETIVOS	6
4.1	Geral:	6
4.2	Específicos:	6
5	JUSTIFICATIVA	7
6	METODOLOGIA	8
7	RELAÇÃO ENTRE TRABALHO E SUICÍDIO	9
7.1	Profissões com maior propensão ao suicídio	9
8	SAÚDE E POLÍCIA MILITAR	11
9	O SUICÍDIO ENTRE OS POLICIAIS MILITARES	13
10	CONCLUSÃO	
	REFERÊNCIAS	15

1 INTRODUÇÃO

Em uma sociedade cada vez mais suscetível a transtornos psicológicos, o suicídio tem sido por vezes uma escolha frequente. Não à toa, a depressão, transtorno psicológico que muitas vezes leva ao suicídio, é considerada como o novo mal do século. A depressão e outros transtornos mentais podem ser gerados por diferentes motivos. Qual seria a causa deste quadro que cada vez mais assola a sociedade? Stress? Cansaço? Pressão? Ambiente de trabalho? Considerando isto, para fatores de estudo e análise, foi selecionada a profissão que figura no topo(DADO) do quadro da ocorrência de suicídios atualmente: a de policial militar. Com isto, delimitada a profissão, será analisado de melhor forma este problema, através de índices e números publicados nos artigos selecionados para pesquisa, além de entrevistas com indivíduos que atuaram como policiais militares ou que pretendem exercer tal ofício, em busca de uma compreensão melhor do cotidiano e da experiência vivenciada diariamente por quem está inserido neste meio, e de uma possível resolução para este problema.

2 PROBLEMATIZAÇÃO

Numa sociedade cada vez mais desigual em que os números de homicídios na capital paulista aumentaram 29,5% em 2018 (fonte) evidenciando um alto grau de criminalidade na cidade, faz-se necessária uma maior atuação das autoridades visando conter atos dessa natureza.

Devido índices de violência maiores a cada ano(fonte), confrontos entre a polícia e civis acabam se tornando recorrentes, causando danos não só a população, mas também aos profissionais que lidam com situações de alto risco.

Se não oferecido o apoio da instituição e devido à sobrecarga de trabalho os policiais podem desenvolver problemas psíquicos, pedirem afastamento da corporação e no pior dos cenários, podem acontecer suicídios, como aponta o relatório da ouvidoria da polícia do Estado de São Paulo, no qual foram registrados 35 casos apenas em 2018, um aumento de 118% em relação à 2017, onde foram registrados 16 suicídios.

3 PROBLEMA

Tendo em vista os dados anteriormente apresentados, nossa pesquisa procura entender e identificar as principais motivações para ingresso, e desistência, na instituição, além de compreender o posicionamento da instituição quanto a seus membros que são acometidos por sofrimentos psíquicos, e quais atitudes são tomadas pela mesma para auxiliar os membros.

4 OBJETIVOS

4.1 Geral:

Compreender as motivações para engajamento na profissão de policial militar, as formas de sofrimento mental (notadamente o risco de suicídio) e as estratégias institucionais de atenção a estes policiais.

4.2 Específicos:

- a. Compreender situações que resultam no engajamento profissional dos policiais militares.
- b. Compreender os principais sofrimentos psíquicos que afligem policiais militares do estado de São Paulo.
- c. Identificar as causas dos mesmos sofrimentos.
- d. Compreender as ações e estratégias da corporação militar para atendimento do policial em sofrimento mental.

5 JUSTIFICATIVA

A segurança é hoje, um dos pilares fundamentais para o bom funcionamento de nossa sociedade. Para minimizar atritos e assegurar uma relação harmoniosa entre os membros dessas sociedades, é necessário que tanto aqueles responsáveis por oferecer essa segurança quanto aqueles que necessitam dela estejam em sintonia consigo mesmos e com seus semelhantes.

Situações de campo e combate podem desencadear inúmeras reações complexas dentro da psique dos policiais. A cobrança constante por resultados e a pressão depositada sobre seus membros torna cenários de depressão, ansiedade e outros sofrimentos psíquicos extremamente comuns.

Segundo dados da ouvidoria da polícia militar do Estado de São Paulo, a quantidade de suicídios entre estes policiais atingiu níveis alarmantes, resultado dos sofrimentos psíquicos relativamente comuns entre os profissionais da área.

Além disso, existe uma falta de pesquisas acadêmicas sobre a situação destes agentes de segurança dentro do estado de São Paulo, com uma quantidade praticamente inexistente de estudos disponíveis sobre a problemática em questão. É necessário estudar a fundo o problema tendo em vista as proporções que o problema em questão assumiu ao longo dos últimos anos: entre 2012 e 2018, ocorreram 165 suicídios entre policiais militares no estado de São Paulo, e só em 2018 ocorreram 555 afastamentos causados por transtornos psiquiátricos, um aumento de 22% em relação ao ano passado. As estatísticas explicitam a tendência dos sofrimentos psíquicos de aumentar ano após ano, caso algo não seja mudado.

6 METODOLOGIA

Para embasar nosso estudo, faremos uma pesquisa básica utilizando-nos de procedimentos documentais e entrevistas com ex membros da corporação. Existe, para nosso trabalho, uma clara deficiência acadêmica quanto ao tema deste estudo. Dentre os (poucos) estudos encontrados sobre o tema, nenhum deles aborda o estado de São Paulo. Nossa pesquisa, de teor acadêmico, além de pontuais pesquisas qualitativas, principalmente caracterizadas por entrevistas com policiais e ex-policiais sobre o assunto. Nos utilizaremos como complemento às entrevistas, questionários anônimos que disponibilizamos em grupos de policiais, presente no Facebook.

Os dados serão coletados por meio da ouvidoria da polícia militar do estado de São Paulo e por meio de estudos acadêmicos referentes a outros estados da federação. Os dados serão tratados e serão aplicados ao tema escolhido pelo grupo por meio de analogias.

REFERENCIAL TEÓRICO

4.1 Saúde mental do policial militar

A situação da segurança pública no Brasil se mostra cada vez mais crítica, com o crescimento contínuo da violência e criminalidade e além disso, as políticas adotadas pela polícia militar não se mostram muito eficientes para sanar esses problemas. (PONCIONI, 2005)

Entende-se por policial militar aquele que, de forma fixa ou temporária, presta serviços (militares) ao estado, sendo pago para isso. Logo, ele deve saber lidar com todas as suas tarefas, sem deixar de cumprir com suas obrigações, mesmo que isso entre em confronto com questões ideológicas ou pessoais do mesmo. (GASPARINI, 2001; JESUS 2001)

Os mesmos não desempenham suas atividades apenas durante o seu período de serviço diário, de modo que o estado de alerta (para sua proteção e do cidadão) deve ser constante, mesmo em momentos em que deveriam estar em descanso. Agindo sempre em situações de confronto. (MIRABETE, 1998; GUIMARÃES, 1999)

Juntamente a isto, a imagem do policial está em constante desgaste pela população, uma vez que são tidos como violentos e imprevisíveis. Principalmente

para os cidadãos que moram em favelas e áreas periféricas, que sequer confiam nesses policiais, pois estes apresentam atitudes discriminatórias. (SILVA, LEITE, 2007)

Seguindo esse raciocínio, Guimarães, Torres e Faria (2009) realizaram um estudo que evidencia que os policiais militares, quando questionados sobre ações inapropriadas, a maioria diz que é contra esse tipo de ação e que sempre se baseiam nos direitos humanos. Entretanto, na prática isso não ocorre, pelo fato de que o policial sofre de uma pressão constante para cumprir tarefas e por possuírem pouca autonomia para tomar decisões, uma vez que, essas tarefas e atividades estão sempre ligadas ao cumprimento rigoroso da ordem de um superior. Sem poder agir de forma crítica, os próprios policiais, consideram que há, em sua profissão, um excesso de submissão dos mesmos em relação a grupos políticos dominantes. (BRITO, SOUZA, 2004)

Acrescido a esse fato, têm-se a influência de diversos fatores negativos, que prejudicam o desempenho do policial, o expondo à potenciais perigos, fatores estes como: assumirem atitudes impensadas em meio situações caóticas, já que de qualquer forma devem cumprir com o que lhe foram ordenados. De modo geral, essa profissão, caracteriza-se pela necessidade de se realizar sacrifícios, pela vida do outro e sua própria vida. Visto que a morte é uma realidade sempre presente e este profissional deve saber lidar com ela, sendo de uma vítima, de criminosos, companheiros de trabalho e inclusive sua própria. (VALLA, 2002)

No Brasil, ainda não há muitas pesquisas no que diz respeito à saúde mental dos policiais militares, mas segundo Porto (2004), esse fato não é muito diferente entre os civis, pois há um estudo, feito por Souza, Franco, Meireles e Ferreira (2007), que evidencia que policiais (no caso, civis) estão expostos a estresses contínuos e que essa realidade pode gerar diversos problemas psíquicos.

Partindo do princípio que esse estresse também provém do seu ambiente de trabalho, se torna necessário entender esses processos a fim de modificá-los, pois esse estresse é resultado das próprias características do indivíduo, como a capacidade de enfrentamento, com as pressões e influências externas. (DEJOURS, 1992; LIPP, 1996)

Entre diversos fatores estressantes que prejudicam a saúde mental do profissional, pode-se citar o ambiente de trabalho perigoso, o contato com público, longas jornadas de trabalho, salários baixos, dificuldade de mobilidade dentro da carreira,

exposição á sofrimento alheia e pouco controle do seu próprio trabalho (cumprimento excessivo de ordens) e no caso dos policiais militares, todos esses fatores estão presentes. (LIPP, PEREIRA, SADIR, 2005; MINAYO, SOUZA, 2003; ROMANO, 1996)

Os sintomas desse estresse vão desde fadiga, dores musculares ou distúrbios do sono até aumento da irritabilidade e agressividade, negligência ou escrúpulo excessivo, chegando inclusive ao risco de suicídio, que muitas vezes sucedem a tendência ao isolamento, perda de interesse pelo trabalho. (BENEVIDES-PEREIRA, 2002)

Por fim, o que poderia ajudar esse quadro seria um ambiente familiar saudável e horas de repouso, mas isso não acontece, pois muitos policiais tentam compensar os baixos salários e complementar a renda com serviços em seus horários de folga, como segurança particular. De forma que se expõe a um maior desgaste físico e mental. (ASSIS, 1999; MINAYO, SOUZA, CONSTANTINO, 2007)

4.2 Trabalho e violência policial

Um sistema pautado por três fatores predominantes, de acordo com Caravantes (2003): disciplina, burocracia e hierarquia. Esta é a realidade do cotidiano do trabalho vivenciado por milhares de policiais militares por todo o Brasil. Contudo, não é novidade para a maioria das pessoas de que a corporação funciona nestes moldes, porém, muitas pessoas devem se questionar o por que de funcionar assim e quais são as origens e as razões para a estruturação da instituição militar funcionar de tal maneira. Para entender melhor, deve-se voltar ao período da ditadura, momento em que, segundo (Da Silva; Vieira; 2007), em função do contexto histórico, foi incorporada a exclusividade do policiamento ostensivo fardado, visando a promoção da proteção coletiva. O problema desta alteração, foi que esta estrutura de atuação desenvolvida para aquela época, perdura até hoje, não condizente com as características da sociedade contemporânea. Remetendo ao pensamento de (Da Silva; Vieira; 2007), pode-se considerar a precarização da infraestrutura e do aparelho público e também o aumento exponencial da população urbana como fatores que culminaram na metodologia de funcionamento da corporação nos dias atuais. Vale citar também, um fator abordado por Silva Filho (2003), também presente no artigo de (DA SILVA, Marivan; VIEIRA, Sarita. 2007), que foi o da maior

cobrança por uma diminuição no tempo de resposta a partir de 1970, provocando consequências como “a centralização excessiva das ações policiais e a passividade do sistema reativo” (DA SILVA, Marivan; VIEIRA, Sarita. 2007). Todos esses fatores culminaram em uma instituição estruturada para atender uma realidade diferente da que se encontra nos dias atuais, que tem a sua estruturação mantida desde os tempos de ditadura, motivo de tanta burocracia, o que culmina diretamente em uma das críticas mais comuns à corporação segundo o pensamento de (Da Silva; Vieira; 2007) apoiado na ideia de Caravantes (2003), que diz respeito à exaltação e a cobrança elevada e excessiva de aspectos formais no ambiente da organização, o que “gera uma visão parcial e faz desconsiderar drasticamente os seus trabalhadores” (DA SILVA, Marivan; VIEIRA, Sarita. 2007). Ainda seguindo a linha de pensamento de Da Silva e Vieira, tudo isso faz da corporação “uma organização complexa, com feixes de interesses que caracterizam a sua capacidade de resistência à mudança.” (DA SILVA, Marivan; VIEIRA, Sarita. 2007). Em meio a tanto rigor e cobrança disciplinar, importante destacar também a ênfase que o sistema disciplinar exerce, de acordo com as palavras de Da Silva e Vieira baseadas no pensamento de Muniz (2001), focando excessivamente “na forma, no cargo e na função, priorizando a hierarquização” (DA SILVA, Marivan; VIEIRA, Sarita. 2007). Segundo Luciana Piva:

“As relações entre os policiais são norteadas pela hierarquia e pelo regime disciplinar. Entende-se por hierarquia a ordenação da autoridade, que configura uma pirâmide com afunilamento na medida que atinge os postos mais elevados compostos pelos oficiais e praças especiais de polícia e a base desta pirâmide é constituída pelos praças de polícia.” (PIVA, 2005, pg. 37)

7 RELAÇÃO ENTRE TRABALHO E SUICÍDIO

O conceito de trabalho está intimamente ligado ao conceito de humanidade. Sob uma perspectiva sociológica, é impossível desassociar estes conceitos, já que para Marx, sendo o trabalho a atividade cuja força do trabalhador é direcionada para garantir seu sustento, a própria definição de humanidade, o fator que diferencia o ser humano dos animais.

Tal associação torna impossível a imutabilidade de um ou de outro fator. Transformações no trabalho geram transformações na humanidade e na sociedade e vice-versa. E com o passar dos anos, a sociedade tem se metamorfoseado, com o trabalho adquirindo um papel cada vez mais central na vida dos indivíduos. Apesar da tecnologia tornar possível jornadas de trabalho menores, não é isso que acontece. Os novos modelos de gestão adotados pelas corporações, associados às reestruturações e compactação das equipes, visando otimização a baixo custo, promovem a manutenção da carga horária, fazem crescer a insegurança e, conseqüentemente, o nível de auto exigência frente ao risco iminente de perder o emprego.

Diante dessa realidade, num país com mercado de trabalho tão exigente quanto precário, inconstante e produtor de desemprego como é o Brasil, frequentemente, as pressões e humilhações diárias são utilizadas como instrumento de controle da biopolítica nas empresas. De forma concomitante a isso, transformações mais recentes na lógica trabalhista aumentam os níveis de stress, podendo levar os trabalhadores a desistir do emprego ante a pressão cotidiana pela incansável busca por eficiência.

As consequências são nocivas para os colaboradores, pois causam conflitos em suas vidas tanto no espectro laboral quanto pessoal, além de alterarem valores, ocasionarem situações de violência nas relações profissionais, por conta do estímulo à competitividade gerando indiferença em relação ao sofrimento do próximo e tornando-os propensos à sofrimentos psíquicos.

7.1 Profissões com maior propensão ao suicídio

De acordo com a Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP), são registrados cerca de 12 mil suicídios todos os anos no Brasil, dos quais aproximadamente 96,8% dos casos estão relacionados a transtornos mentais. Os principais motivos são a depressão, seguida do transtorno bipolar e abuso de substâncias (ABP; 2019).

Profissões que lidam com a segurança e saúde da população, ou que tenham acesso a substâncias controladas, como policiais, bombeiros e médicos (principalmente nas especialidades de anestesilogistas e psiquiatras), têm maior chances de cometerem suicídio, devido à relação desses profissionais com a falta de margem ao erro somando-se a falta de qualidade tanto da jornada quanto nas condições de trabalho. Esses fatores são responsáveis pelo desencadeamento de diferentes patologias geradas através do mal-estar que gera a mudança de hábitos e o surgimento de dores (MIRANDA, Dayse; 2016).

Um estudo realizado no Rio de Janeiro, Pela Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ; 2011), identificou eventuais sintomas de sofrimento psíquico através de perguntas pertinentes ao tema, para policiais militares da cidade. Os dados estão expostos na tabela abaixo:

Tabela 1. Distribuição proporcional dos policiais militares, segundo os sintomas de sofrimento psíquico.	
Sintomas de sofrimento psíquico	PM's
Dorme mal***	53,5%
Nervoso (a), tenso (a) ou agitado (a)	47,5%
Sente-se triste***	39,0%
Sente-se cansado o tempo todo***	35,5%
Dores de cabeça frequentemente***	35,3%
Dificuldade para realizar com satisfação suas atividades diárias***	34,3%
Cansa-se com facilidade***	34,0%
Falta de apetite***	14,6%
Má digestão*	26,2%

Assusta-se com facilidade***	25,6%
Tem sensações desagradáveis no estômago*	23,4%
Tem perdido o interesse pelas coisas***	22,7%
Dificuldade de pensar com clareza	22,4%
Dificuldade no serviço***	20,4%
Dificuldade para tomar decisões***	19,4%
Tremores na mão***	16,6%
Chorado mais que o costume	13,6%
Incapaz de desempenhar um papel útil na vida	9,1%
Sente-se uma pessoa inútil, sem préstimo***	9,0%
Tem tido ideia de acabar com a vida*	5,0%

*p<,05; **p<,005; ***p,<001.

Fiocruz, (2011).

Através da análise das respostas dos policiais, nota-se um percentual significativo de profissionais que informam "dormir mal", "sentir-se nervoso", "triste" e "cansado". Além disso, esses profissionais afirmam que a péssima qualidade de vida afeta sua saúde. Ter dois empregos, trabalhar noite e dia, ficar 12 horas em campo tendo comido apenas uma refeição, trabalhar sob pressão e ter de ficar sempre alerta, são elementos que além de evidenciarem a dura jornada de trabalho e dificuldade dos mesmos ao executarem suas tarefas, em longo prazo podem trazer danos psíquicos difíceis de serem reparados.

Segundo os policiais, o excesso de trabalho, somado as poucas horas de sono, é responsável pela fadiga e pelo cansaço, o que torna seu trabalho fonte de stress e causador de enfermidades. Entre os efeitos do não cuidado com as situações de stress e de sofrimento mental, os policiais podem adquirir hábitos mais agressivos, se tornarem violentos e/ ou buscarem fuga das situações de risco, sejam elas reais ou imaginárias (pressentimentos ruins), o que os leva a faltarem no trabalho (FIOCRUZ; 2011).

Há ao menos um psicólogo da polícia militar no batalhão, prestando auxílio aos policiais, tendo o importante papel de mediar os conflitos e as perturbações que surgem desses profissionais, justamente nos momentos em que se deparam na prática com suas fragilidades e impossibilidades.

Já no combate aos transtornos relacionados ao suicídio, seja ele por questões trabalhistas ou de outra natureza, a Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP) em conjunto com o Conselho Regional de Medicina (CRM), criou em 2014 o setembro amarelo, uma campanha de prevenção ao suicídio que busca conscientizar a

população sobre os fatores de risco para o comportamento suicida e orientar para o tratamento adequado dos transtornos mentais.

8 SAÚDE E POLÍCIA MILITAR

Os sistemas de segurança quando surgiram no Brasil, na época de Dom Pedro I, tinham um caráter de proteção interna e defesa nacional. A polícia, no âmbito atual, segue moldes ainda atrasados, esse fator combinado com grandes mudanças na sociedade brasileira não mais conseguiu manter o controle e assim os índices de violência sobem cada vez mais. Para melhorar o atendimento a PM mudou para um método de resposta rápida, mas que apenas serviu para criar uma centralização excessiva das ações policiais o que favorece o crescimento da violência. Com esse sistema, policiais se veem encarregados de múltiplas funções, assegurar instituições, garantir ordem, atuar de maneira preventiva, atender a chamados para reprimir perturbações, investigar crimes, socorrer em situações de perigo, entre outras.

“Conforme Silva Filho (2003), o Brasil é o único país que concebe as atividades de polícia, tanto de prevenção quanto de investigação, como funções disjuntivas, a ponto de necessitar de duas organizações distintas em estruturas, normas administrativas e operacionais, regime disciplinar e salários. Tal distinção criou certo desgaste, enquanto modelo de controle da criminalidade, haja vista a ineficácia de seus resultados, o alto custo de manutenção e a grande complexidade de seu gerenciamento.”

As diferentes funções dos policiais e a forma como tudo é aplicado frente a realidade social atual são aspectos a ser considerados quando falamos da saúde mental dessas pessoas.

O modelo de organização da PM é semelhante aos modelos dos exércitos com sua hierarquia, batalhão e pelotões. Esse tipo de estrutura é adequado para combate em guerra, que se encaixa com o antigo serviço dos órgãos de segurança pública que seriam manutenção da ordem e integridade territorial do Estado (Silva e Vieira, 2008).

Dessa forma, fica claro que a Polícia Militar não consegue atender a toda a população, e que a crescente violência tende a piorar esse aspecto. Essas questões, acima colocadas, precisam ser repensadas para que o serviço entregue pela polícia possa satisfazer da melhor forma a população.

Como um exemplo de reação por parte tanto da instituição, quanto da população, perante o modo que a Polícia age, pode-se citar o ocorrido em João Pessoa-PB, em que policiais saíram às ruas para mostrar para a população os aspectos desumanos de sua profissão, com cartazes que diziam "por trás desta farda existe um ser humano". Essa visão de robô, como os próprios policiais denominam tem origem principalmente na formação dos mesmos.

A organização burocrática piora a situação, uma vez que existe uma hierarquia e separação entre aquele que faz e aquele que planeja, e é justamente essa separação que abre espaço para atitudes brutas e arbitrárias.

"O policial é visto pela sociedade como uma das profissões merecedoras dos piores adjetivos" (Souza e Patrocínio, 1999) justamente por agirem de forma tão sistemática e sem o uso da crítica em situações de conflitos, ao mesmo tempo em que lidam com a própria exposição ao risco de morte.

Não há, entretanto, sequer uma separação clara entre os conflitos rural e o urbano, pois no primeiro há constantes conflitos agrários e já no segundo, devido à falta de políticas públicas e ao crescimento da desigualdade social, a criminalidade cumpre o papel de gerar conflitos (Tavares Santos, 1997).

Ademais isso, por fazerem parte de uma corporação que presta serviços à sociedade, os policiais militares precisam atender a muitas demandas, e isso, muitas vezes, pode acarretar em desgastes físicos, cognitivos e/ou psíquicos (Sznelwar e Doaré, 2006).

Além das dificuldades esperadas ao exercerem suas funções, os policiais ainda podem se deparar com outras situações, como a precarização do trabalho.

Essa precarização, no caso da corporação militar, pode ser caracterizada por: instrumentos inadequados, restrição de recursos orçamentários para a manutenção desses equipamentos, salários desproporcionais e falta de capacitação profissional (Silva e Vieira, 2008).

Todos esses aspectos fazem com que o desgaste dos profissionais militares seja intensificado, as consequências desses fatos são: alto índice de dependência química (alcoolismo), o constante estresse, elevado número de depressão e o suicídio entre os policiais militares.

Segundo a Polícia Militar de São Paulo, no período de janeiro e setembro de 2018, 555 policiais militares foram afastados por motivos psiquiátricos, uma média de

2 PMs por dia. O número revela um aumento de 22% em relação ao mesmo período no ano de 2017 (454 policiais afastados).

9 O SUICÍDIO ENTRE OS POLICIAIS MILITARES

O trabalho policial é atravessado por riscos reais de morte. Há inúmeros fatores que contribuem para o aumento de tais riscos, como por exemplo, ações falhas, pouco treinamento ou a falta de equipamentos de proteção. O aspecto mais letal, entretanto, é o suicídio. Quando o policial ultrapassa o limite do sofrimento psíquico suportável, sua resposta poderá ser àquela direcionada à autodestruição. Desta forma, ele busca a solução para seus problemas e também para o fim do sofrimento que o domina, independentemente dos fatores que desencadearam a ação. E, na maioria das vezes, o faz com o uso do meio que está à mão: sua arma de fogo. (GEPESP, 2011)

O sofrimento, entretanto, não termina. Estima-se que entre 5 a 10 pessoas pertencentes ao ciclo social do suicida sejam afetadas profundamente. O dia a dia das pessoas que perdem um ente querido por suicídio costuma ser de silêncio e isolamento. O reflexo trágico para a vida de familiares e amigos é visível e imensurável. (CFP, 2013)

Sentimentos como culpa e raiva se misturam à tristeza que a situação proporciona.

O conhecimento dos fatores de risco que predispõem o indivíduo ao ato do suicídio é uma estratégia válida para sua prevenção.

Suicídios raramente ocorrem de forma isolada e muitas vezes acontecem com policiais que têm um histórico de uso de drogas, depressão e abuso de álcool ou de uma combinação de estresses que levam a uma sensação de desamparo e desesperança. Muitas vezes, há uma lenta acumulação de estresse, tensão e desmoralização que se acelera abruptamente, gerando a crise suicida. (MILLER, 2006, p.185)

A prevenção do suicídio de policiais militares aborda questões objetivas e extremamente necessárias. A própria natureza do serviço do policial impõe condições que podem agravar o problema e dificultar os trabalhos de prevenção. Entretanto, apesar da dificuldade, os esforços para a prevenção são fundamentais. (CFP, 2013)

10 CONCLUSÃO

Feita a pesquisa e a coleta de dados, pôde-se depreender deste processo de filtração de informações, que há uma dificuldade na obtenção de conhecimentos gerais referentes à Corporação, o que deixa evidente a ausência de transparência da mesma com a população, dificultando a realização de estudos e análises mais profundas e fidedignas, que permitam a elaboração de reflexões apoiadas em números, sobre o funcionamento da Corporação. No entanto, apesar da dificuldade para apreender informações divulgadas propriamente pela Corporação, foram obtidos relatos, através de entrevistas e envio de formulários, de indivíduos que exercem a profissão de Pm, o que possibilitou o desenvolvimento de uma análise que visou a qualidade de conteúdo das respostas e evitou generalizações, justamente por não terem sido utilizados números oficiais divulgados pela corporação e pelo baixo número da amostra da coletânea de respostas. Feita a análise das entrevistas e das respostas coletadas, ficou evidente a ocorrência do comportamento austero praticado dentro da corporação, justamente pela forte presença hierárquica na estrutura do serviço e pelo exigente código disciplinar que deve ser seguido, ao qual os Pm's estão sujeitos a uma rígida cobrança, passível de punições consideradas vergonhosas entre os membros da corporação.

Os motivos pelo qual a corporação dificulta ou até mesmo não expõe os dados do seu funcionamento de maneira transparente, procurando saber o que isso indica e o que faz a corporação agir de tal maneira. Métodos de funcionamento alternativos que poderiam ser adotados e colocados em prática na estruturação da corporação, que amenizassem as queixas dos PM's.

REFERÊNCIAS

- CAMPANHA SETEMBRO AMARELO. **Associação Brasileira de Psiquiatria**. Disponível em: < <https://www.setembroamarelo.com/>>. Acesso em: 24/Abr/2019.
- CFP. **Suicídio e os desafios para a psicologia**. Brasília: dez/2013
- ÉPOCA NEGÓCIOS. **As profissões mais propensas ao suicídio**. Disponível em:<<https://epocanegocios.globo.com/Informacao/Resultados/noticia/2015/03/profissoes-mais-propensas-ao-suicidio.html>>. Acesso em: 06/Abr/2019.
- EXAME. **Pm's sofrem com suicídios e transtornos mentais sem apoio da corporação**. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/pms-sofrem-com-suicidios-e-transtornos-mentais-sem-apoio-da-corporacao/>>. Acesso em: 06/Abr/2019.
- GEPESP. **Suicídio e Risco Ocupacional: o caso da Polícia Militar do estado do Rio de Janeiro**, 2011.
- G1. **Homicídios caem 6% no Estado de São Paulo e aumentam 29,5% na capital paulista**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2018/08/28/homicidios-caem-6-no-estado-de-sp-e-aumentam-295-na-capital-paulista.ghtml>>. Acesso em: 24/Abr/2019.
- HESKETH, J; CASTRO, A. **Fatores correlacionados com a tentativa de suicídio**. Scielo Saúde Pública. Brasília, 1997. Disponível em: <https://www.scielo.org/scielo.php?pid=S00349101978000200005&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em: 24/Abr/2019.
- LUSTOSA, Daniela. **Psicologia na polícia militar: Desafios do âmbito da cultura organizacional**. Rev. Psicologia: Saúde Mental e Seg. Pública, B Hte., 6, 35-50, jun. 2017.
- MINAYO, M; SOUZA, E. **Missão investigar: entre o ideal e a realidade de ser policial**. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.
- MINAYO, M. et al. **Impacto das atividades profissionais na saúde física e mental dos policiais civis e militares do Rio de Janeiro**. Scielo Saúde Pública. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.org/scielo.php?pid=S1413-81232011000400019&script=sci_arttext&tlng=e>. Acesso em: 06/Abr/2019.
- MIRANDA, Dayse. **Por que policiais se matam?** 1ª ed. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2016.
- MIRANDA, D.; GUIMARÃES, T. **O suicídio policial: o que sabemos?** Dilemas: Revista de estudos de conflito e controle social. Vol. 09, nº 01, 2016.
- MILLER, Laurence. **Practical police psychology: stress management and crisis intervention for law enforcement**. Illinois: Thomas Books, 2006.
- NEXO JORNAL. **O recorde de suicídios de policiais em SP e o tabu sobre a questão**. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2019/02/16/O-recorde-de-suic%C3%ADdios-de-policiais-em-SP.-E-o-tabu-sobre-a-quest%C3%A3o>>. Acesso em: 06/Abr/2019.

OLIVIERA, K; SANTOS, L. **Percepção da saúde mental em policiais militares da força tática e de rua**. Scielo. Porto Alegre, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151745222010000300009&lang=pt>. Acesso em: 24/Abr/2019.

OUVIDORIA DA POLÍCIA DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Pesquisa sobre o uso da força letal por policiais de são paulo e vitimização policial em 2017**. São Paulo: 2017.

OUVIDORIA DA POLÍCIA DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Relatório anual de prestação de contas**. São Paulo: 2018.

SILVA, M; VIEIRA, S. **O processo de trabalho do militar estadual e a saúde mental**. Scielo. São Paulo, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902008000400016&lang=pt>. Acesso em: 24/Abr/2019.

VENCO, Selma. **O sentido social do suicídio no trabalho**. Revista do Tribunal Superior do Trabalho. Vol. 80, n. 1, p. 294-302, mar. 2014.